

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

ABRIL DE 1867

Nº 4

Galileu

A PROPÓSITO DO DRAMA DO SR. PONSARD

O acontecimento literário do dia é a representação de Galileu, drama em versos do Sr. Ponsard. Embora nele não se cogite de Espiritismo, a ele se liga por um lado essencial: o da pluralidade dos mundos habitados e, sob tal ponto de vista, podemos considerá-lo como uma das obras chamadas a favorecer o desenvolvimento da Doutrina, popularizando um de seus princípios fundamentais.

O destino da Humanidade está ligado à organização do Universo, como o do habitante o está à sua habitação. Na ignorância desta organização, o homem deve ter feito sobre o seu passado e o seu futuro idéias em conformidade com o estado de seus conhecimentos. Se tivesse sempre conhecido a estrutura da Terra, jamais teria pensado em situar o inferno em suas entranhas; se tivesse conhecido o infinito do espaço e a multidão de astros que aí se movem, não teria localizado o céu acima do *céu das estrelas*; não teria feito da Terra o ponto central do Universo, a única

habitação dos seres vivos; não teria condenado a crença nos antípodas como uma heresia; se tivesse conhecido a Geologia, jamais teria acreditado na formação da Terra em seis dias e em sua existência desde seis mil anos.

A idéia mesquinha que o homem fazia da Criação devia dar-lhe uma idéia mesquinha da Divindade. Não pôde compreender a grandeza, o poder e a sabedoria infinitos do Criador senão quando seu pensamento pôde abarcar a imensidade do Universo e a sabedoria das leis que o regem, como se julga o gênio de um mecânico pelo conjunto, a harmonia e a precisão de um mecanismo, e não à vista de uma simples engrenagem. Só então suas idéias puderam crescer e elevar-se acima de seu horizonte limitado. Em todos os tempos suas crenças religiosas foram calcadas na idéia que fazia de Deus e de sua obra. O erro de suas crenças sobre a origem e o destino da Humanidade tinha por causa sua ignorância das verdadeiras leis da Natureza; se, desde a origem, tivesse conhecido essas leis, outros teriam sido seus dogmas.

Galileu, um dos primeiros a revelar as leis do mecanismo do Universo, não por hipóteses, mas por uma demonstração irrecusável, abriu caminho a novos progressos. Por isto mesmo devia produzir uma revolução nas crenças, destruindo os fundamentos científicos errôneos sobre os quais elas se apoiavam.

A cada um a sua missão. Nem Moisés, nem o Cristo tinham a de ensinar aos homens as leis da Ciência; o conhecimento dessas leis devia ser *o resultado do trabalho e das pesquisas do homem*, da atividade e do desenvolvimento de seu próprio espírito, e não de uma revelação *a priori*, que lhe tivesse dado o saber sem esforço. Eles não deviam nem podiam lhes ter falado senão numa linguagem apropriada ao seu estado intelectual, sem o que não teriam sido compreendidos. Moisés e o Cristo tiveram sua missão

moralizadora; a gênios de uma outra ordem são deferidas missões científicas. Ora, como as leis morais e as leis da Ciência são leis divinas, a religião e a filosofia só podem ser verdadeiras pela aliança destas leis.

O Espiritismo baseia-se na existência do princípio espiritual, como elemento constitutivo do Universo; repousa sobre a universalidade e a perpetuidade dos seres inteligentes, sobre seu progresso indefinido, através dos mundos e das gerações; sobre a pluralidade das existências corporais, necessárias ao seu progresso individual; sobre sua cooperação relativa, como encarnados ou desencarnados, na obra geral, na medida do progresso realizado; sobre a solidariedade que une todos os seres de um mesmo mundo e dos mundos entre si. Nesse vasto conjunto, encarnados e desencarnados, cada um tem sua missão, seu papel, deveres a cumprir, desde o mais ínfimo até os anjos, que nada mais são que Espíritos humanos chegados ao estado de Espíritos puros, e aos quais são confiadas as grandes missões, o governo dos mundos, como a gerais experimentados. Em vez das solidões desertas do espaço sem limites, por toda parte a vida e a atividade, em parte alguma a ociosidade inútil; por toda parte o emprego dos conhecimentos adquiridos; em toda parte o desejo de progredir ainda e de aumentar a soma de felicidades, pelo emprego útil das faculdades da inteligência. Em vez de uma existência efêmera e única, passada num cantinho da Terra, que decide para sempre de sua sorte futura, impõe limite ao seu progresso e torna estéril, para o futuro, o trabalho a que se entrega para instruir-se, o homem tem por domínio o Universo; nada do que sabe ou do que faz fica perdido: o futuro lhe pertence; em vez do isolamento egoísta, a solidariedade universal; em lugar do nada, segundo alguns, a vida eterna; em lugar da beatitude contemplativa perpétua, segundo outros, que a tornaria de uma inutilidade perpétua, um papel ativo, proporcionado ao mérito adquirido; em vez de castigos irremissíveis por faltas temporárias, a posição que cada um conquista por sua perseverança no bem ou no mal; em vez de uma

mancha original, que o torna passível de faltas que não cometeu, a consequência natural de suas próprias imperfeições nativas; em vez das chamas do inferno, a obrigação de reparar o mal que se fez e recomeçar o que se fez mal; em vez de um Deus colérico e vingativo, um Deus justo e bom, que leva em conta todo arrependimento e toda boa vontade.

Tal é, em resumo, o quadro que apresenta o Espiritismo, e que ressalta da situação mesma dos Espíritos que se manifestam; não é mais uma simples teoria, mas resultado da observação. O homem que encara as coisas deste ponto de vista, sente-se crescer; ergue-se aos seus próprios olhos; é estimulado em seus instintos progressivos ao ver um objetivo para os seus trabalhos, para os seus esforços em se melhorar.

Mas, para compreender o Espiritismo em sua essência, na imensidade das coisas que ele abarca, para compreender o objetivo e o destino do homem, não era preciso relegar a Humanidade a um pequeno globo, limitar a existência a alguns anos, rebaixar o Criador e a criatura. Para que o homem pudesse fazer uma idéia justa de seu papel no Universo, era preciso que compreendesse, pela pluralidade dos mundos, o campo aberto às suas explorações futuras e a atividade de seu espírito; para recuar indefinidamente os limites da Criação, para destruir os preconceitos sobre os lugares especiais de recompensa e de punição, sobre os diferentes estágios dos céus, era preciso que penetrasse as profundezas do espaço; que em lugar do cristalino e do empíreo, aí visse circular, em majestosa e perpétua harmonia, os mundos inumeráveis, semelhantes ao seu; que em toda parte seu pensamento encontrasse a criatura inteligente.

A história da Terra se liga à da Humanidade. Para que o homem pudesse desfazer-se de suas mesquinhas e falsas opiniões sobre a época, a duração e o modo de criação do nosso globo, de suas crenças lendárias sobre o dilúvio e sua própria origem; para

que consentisse em desalojar do seio da terra o inferno e o império de Satã, era preciso que pudesse ler nas camadas geológicas a história de sua formação e de suas revoluções físicas. A Astronomia e a Geologia, secundadas pelas descobertas da Física e da Química, apoiadas sobre as leis da Mecânica, são as duas poderosas alavancas que atacam os seus preconceitos sobre a sua origem e o seu destino.

A matéria e o espírito são os dois princípios constitutivos do Universo. Mas o conhecimento das leis que regem a matéria devia preceder o das leis que regem o elemento espiritual; só as primeiras poderiam combater vitoriosamente os preconceitos, pela evidência dos fatos. O Espiritismo, que tem como objetivo especial o conhecimento do elemento espiritual, só podia vir depois; para que pudesse tomar o seu impulso e dar frutos, para que pudesse ser compreendido em seu conjunto, era preciso que encontrasse o terreno preparado, o campo do espírito humano liberto dos preconceitos e das idéias falsas, se não na totalidade, ao menos em grande parte, sem o que só se teria tido um Espiritismo acanhado, bastardo, incompleto e misturado a crenças e práticas absurdas, como ainda hoje o é nos povos atrasados. Se se considerar a situação das nações adiantadas, reconhecer-se-á que ele veio em tempo oportuno, para preencher os vazios que se fazem nas crenças.

Galileu abriu o caminho. Rasgando o véu que ocultava o infinito, alargou o domínio da inteligência e desferiu um golpe fatal nas crenças errôneas; destruiu mais superstições e idéias falsas do que todas as filosofias, porque as sapou pela base, mostrando a realidade. O Espiritismo deve colocá-lo na classe dos grandes gênios que rasgaram a via, diminuindo as barreiras opostas pela ignorância. As perseguições de que foi objeto, e que são o quinhão de quem quer que ataque os preconceitos, fizeram-no grande aos olhos da posteridade, ao mesmo tempo que rebaixaram os perseguidores. Quem é hoje maior: ele ou eles?

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citar alguns fragmentos do belo drama do Sr. Ponsard. Fá-lo-emos no próximo número.

Espírito Profético

(Pelo conde Joseph de Maistre)

O conde Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1753, morto em 1821, foi enviado pelo rei da Sardenha, como ministro plenipotenciário na Rússia, em 1803. Deixou esse país em 1817, quando da expulsão dos jesuítas, cuja causa tinha abraçado. Entre suas obras, uma das mais conhecidas na literatura e no mundo religioso, está a que se intitula: *Noites de São Petersburgo*, publicada em 1821. Embora escrita de um ponto de vista exclusivamente católico, certos pensamentos parecem inspirados pela previsão dos tempos presentes e, a esse título, merecem particular atenção. As passagens seguintes são tiradas da décima primeira conversa, tomo II, página 121, edição de 1844:

“...Mais do que nunca, senhores, devemos ocupar-nos dessas altas especulações, porque precisamos estar preparados para *um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual marchamos em velocidade acelerada, que deve chocar todos os observadores*. Não há mais religião na Terra: o gênero humano não pode ficar neste estado. *Oráculos terríveis, aliás, anunciam que os tempos são chegados*.”

“Vários teólogos, mesmo católicos, acreditam que fatos de primeira ordem e pouco afastados estavam anunciados na revelação de São João e, embora os teólogos protestantes, em geral, só tenham debitado tristes sonhos sobre esse mesmo livro, onde jamais viram senão o que desejavam, contudo, depois de haver pago esse infeliz tributo ao fanatismo de seita, vejo que certos escritores desse partido já adotam este princípio: *Várias profecias*

contidas no Apocalipse se referiam aos nossos tempos modernos. Um desses escritores até chegou a dizer que o acontecimento já tinha começado, e que a nação francesa devia ser o grande instrumento da maior das revoluções.

“Talvez não haja um homem verdadeiramente religioso na Europa – falo da classe instruída – que no momento não espere algo de extraordinário. Ora, dizei-me, senhores, acreditais que essa concordância de todos os homens possa ser desprezada? Nada representa esse grito geral que anuncia grandes coisas? Remontai aos séculos passados; transportai-vos ao nascimento do Salvador. Naquela época uma voz alta e misteriosa, partida das regiões orientais, não exclamava: ‘O Oriente está a ponto de triunfar? O vencedor partirá da Judéia; um menino divino nos é dado; vai aparecer; desce do mais alto dos céus; trará a idade de ouro sobre a Terra.’ Sabeis o resto.

“Estas idéias eram espalhadas universalmente, e como se prestavam infinitamente à poesia, o maior poeta latino dela se apoderou e a revestiu das mais brilhantes cores em seu *Pollion*, que foi depois traduzido em muitos belos versos gregos e lidos nesta língua no concílio de Nicéia, por ordem do imperador Constantino. Por certo era bem digno da Providência ordenar que esse grande grito do gênero humano repercutisse para sempre nos versos imortais de Virgílio; mas a incurável incredulidade de nosso século, em vez de ver nessa peça o que ela realmente encerra, isto é, um monumento inefável do espírito poético, que então se agitava no Universo, diverte-se em nos provar doutamente que Virgílio não era profeta, ou seja, que uma flauta não sabe música, e que nada há de extraordinário na décima primeira égloga desse poeta. *O materialismo que contamina a filosofia de nosso século a impede de ver que a Doutrina dos Espíritos e, em particular, a do espírito profético, é inteiramente plausível em si mesma, e além disso, a melhor sustentada pela mais universal e imponente tradição jamais havida.* Como a eterna doença do homem é penetrar o futuro, é uma prova certa de que

tem direitos sobre esse futuro e de que tem meios de o atingir, ao menos em certas circunstâncias. Os oráculos antigos se davam a esse movimento interior do homem, que o advertia de sua natureza e de seus direitos. A ponderosa erudição de Van Dale e as belas frases de Fontenelle em vão foram empregadas no século passado para estabelecer a nulidade geral desses oráculos. Mas, seja como for, jamais o homem teria recorrido aos oráculos, jamais teria podido imaginá-los, se não tivesse partido de uma idéia primitiva, em virtude da qual as olhava como possíveis, e mesmo como existentes.

“O homem está sujeito ao tempo e, contudo, por sua natureza, estranho ao tempo. O profeta gozava do privilégio de sair do tempo; não sendo mais as suas idéias distribuídas na duração, tocam-se em virtude da simples analogia e se confundem, o que necessariamente espalha uma grande confusão em seus discursos. O próprio Salvador submeteu-se a esse estado quando, entregue voluntariamente ao espírito profético, as idéias análogas de grandes desastres, separadas do tempo, o conduziram a misturar a destruição de Jerusalém à do mundo. É ainda assim que Davi, levado por seus próprios sofrimentos, a meditar sobre o ‘justo perseguido’, de repente sai do tempo e reclama, diante do futuro: ‘Trespasaram meus pés e minhas mãos; quebraram os meus ossos; partilharam as minhas vestes; deitaram sorte sobre as minhas roupas.’ (Salmo XXI, v. 18 e 19.)¹¹

“Poder-se-iam acrescentar outras reflexões tiradas da astrologia judiciária, dos oráculos, das adivinhações de todo o gênero, cujo abuso sem dúvida desonrou o espírito humano, mas que, não obstante, tinham uma raiz verdadeira, como todas as crenças gerais. O espírito profético é natural ao homem e não cessará de se agitar no mundo. Ensaando o homem, em todas as épocas e em todos os lugares, penetrar o futuro, declara não ser feito para o tempo, porque o tempo é algo de forçado, que só pede para acabar. Daí vem que, nos nossos sonhos, jamais temos idéia

11 N. do T.: Conforme a versão francesa de Lemáître de Sacy.

do tempo, e que o estado de sono sempre foi considerado favorável às comunicações divinas.

“Se me perguntardes a seguir o que é esse espírito profético, ao qual me referia há pouco, responderei que ‘jamais houve no mundo grandes acontecimentos que, de alguma maneira, não tivessem sido preditos.’ Maquiavel foi o primeiro homem de meu conhecimento que tinha avançado esta proposição; mas se vós mesmos refletirdes, achareis que sua asserção está justificada por toda a História. Tendes um último exemplo na Revolução Francesa, predita de todos os lados e da maneira mais incontestável.

“Mas, para voltar ao ponto de partida, credes que ao século de Virgílio faltassem belos espíritos que zombavam ‘do grande ano, do século de ouro, da casta Lucina, da augusta mãe e da misteriosa criança?’ Entretanto, tudo isto havia chegado: ‘A criança, do alto do céu, estava prestes a descer.’ E podeis ver nos vários escritos, notadamente nas observações que Pope juntou à sua tradução em versos do *Pollion*, que esta peça poderia passar por uma versão de Isaías. *Por que quereis que hoje também não seja assim? O Universo está à espera. Como desprezariamos esta grande persuasão? E com que direito condenariamos os homens que, advertidos por esses sinais divinos, se entregam a santas pesquisas?*

“Quereis uma nova prova do que se prepara? Buscai nas ciências; considerai bem a marcha da Química, da própria Astronomia, e vereis para onde elas nos conduzem. Acreditaríeis, por exemplo, se não estivésseis advertidos, que Newton nos reconduz a Pitágoras, e que incessantemente será demonstrado que *os corpos celestes são movidos precisamente como os corpos humanos, por inteligências que lhes estão unidas, sem que se saiba como? É o que, entretanto, está prestes a se verificar, sem que haja, em breve, qualquer meio de disputar.* Esta doutrina poderá parecer paradoxal, sem dúvida, e mesmo ridícula, porque a opinião ambiente o impõe; mas esperai que a afinidade natural da religião e da Ciência as reúna na

cabeça de um só homem de gênio; o aparecimento deste homem não poderia estar distante e talvez mesmo ele já exista. Ele será famoso e porá fim ao século dezoito, que dura sempre; porque os séculos intelectuais não se regulam pelo calendário, como os séculos propriamente ditos. Então as opiniões que hoje nos parecem bizarras ou insensatas, serão axiomas, dos quais não será permitido duvidar, e falarão de nossa estupidez atual como falamos da superstição da Idade Média. A força das coisas já obrigou alguns sábios da escola material a fazer concessões, que os aproximam do espírito. E outros, não se podendo impedir de pressentir esta tendência surda de uma opinião poderosa, contra ela tomam precauções que talvez causem sobre os verdadeiros observadores mais impressão que uma resistência direta. Daí a sua atenção escrupulosa em não empregar senão expressões materiais. Só se tratam em seus escritos de leis mecânicas, princípios mecânicos, Astronomia, Física, etc. Não que eles não sintam maravilhosamente que as teorias materiais absolutamente não contentam a inteligência, porque se algo existe de evidente para o espírito humano não preocupado, é que os movimentos do Universo não podem ser explicados apenas pelas leis mecânicas; mas é precisamente porque o sentem que, por assim dizer, põem palavras em guarda contra a verdade. Não querem confessá-lo, mas não se é mais detido senão pelo compromisso ou pelo respeito humano. Os sábios europeus são neste momento espécies de conjurados ou de iniciados, como quiserdes chamar, que fizeram da Ciência uma espécie de monopólio e que não querem absolutamente que se saiba mais que eles ou de modo diferente. Mas essa Ciência será incessantemente odiada por uma posteridade iluminada, que acusará justamente os adeptos de hoje por não terem sabido tirar das verdades que Deus lhes havia entregado as mais preciosas conseqüências para o homem. Então toda a Ciência mudará de face; o espírito, longamente destronado, retomarà o seu lugar.

“Será demonstrado que todas as tradições antigas são verdadeiras; que o paganismo inteiro não passa de um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que, por assim dizer, basta limpá-las e repô-las

em seu lugar, para as ver brilhar por todos os seus raios. Numa palavra, todas as idéias mudarão; e porque de todos os lados uma multidão de eleitos exclamam concordes: 'Vinde, Senhor, vinde!' por que censuraríeis esses homens que se lançam nesse futuro majestoso e se glorificam de o adivinhar? Como os poetas que, até nos nossos tempos de fraqueza e de decrepitude, ainda apresentam alguns pálidos clarões do espírito profético, os homens espirituais por vezes experimentam movimentos de entusiasmo e de inspiração que os transportam para o futuro e lhes permitem pressentir os acontecimentos que o tempo amadureceu ao longe.

“Lembraí-vos, senhor conde, do cumprimento que me dirigistes sobre minha erudição a respeito do número três. Com efeito, este número se mostra de todos os lados, no mundo físico, como no mundo moral, e nas coisas divinas. Deus falou uma primeira vez aos homens no monte Sinai e esta revelação foi restringida, por razões que ignoramos, nos estreitos limites de um só povo e de um só país. Após quinze séculos, uma segunda revelação se dirigiu a todos os homens, sem distinção, e é a que desfrutamos. Mas a universalidade de sua ação devia ser ainda infinitamente restrita, pela circunstância de tempos e lugares. Quinze séculos a mais deviam escoar-se antes que a América visse a luz e suas vastas regiões ainda encerram uma porção de hordas selvagens tão estranhas ao grande benefício, que se seria levado a crer que elas deles são excluídas por natureza, em razão de algum anátema primitivo inexplicável. Só o Grande Lama tem mais súditos espirituais que o papa; Bengala tem sessenta milhões de habitantes, a China tem duzentos, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai esses arquipélagos do grande oceano, que hoje formam a quinta parte do mundo. Vossos missionários sem dúvida fizeram maravilhosos esforços para anunciar o Evangelho em algumas dessas regiões longínquas, mas vedes com que sucesso. Quantas miríades de homens que a Boa Nova jamais atingirá! A cimitarra do filho de Ismael não expulsou o Cristianismo inteiramente da África

e da Ásia? E em nossa Europa, que espetáculo se oferece ao olho religioso!...

“Contemplai esse quadro lúgubre; juntai a espera dos homens escolhidos e vereis se os iluminados estão errados ao encarar como *mais ou menos próxima uma terceira explosão da onipotente bondade em favor do gênero humano*. Eu não terminaria se quisesse juntar todas as provas que se reúnem para justificar esta grande espera. Ainda uma vez, não censureis as pessoas que disto se ocupam e que vêem na própria revelação as razões para prever *uma revelação da revelação*. Se quiserdes, chamai estes homens iluminados; estarei inteiramente de acordo convosco, desde que pronuncieis este nome seriamente.

“Tudo anuncia, e vossas próprias observações o demonstram, *não sei qual a grande unidade para a qual marchamos a grandes passos*. Não podeis, pois, sem vos pôr em contradição convosco, condenar os que de longe saúdam esta unidade, e que tentam, conforme suas forças, penetrar mistérios tão terríveis, sem dúvida, mas ao mesmo tempo tão consoladores para nós.

“E não dizeis que *tudo está dito, que tudo está revelado* e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida nada nos falta para a salvação; mas, *do lado dos conhecimentos divinos, faltamos muito; e quanto às manifestações futuras, como vedes, tenho mil razões para esperar, ao passo que não tendes nenhuma para me provar o contrário*. O hebreu que cumpria a lei não estava em segurança de consciência? Eu vos citaria, se preciso fosse, não sei quantas passagens da Bíblia que prometem ao sacrífico judaico e ao trono de Davi uma duração igual à do Sol. O judeu, *que se prendia à casca*, tinha toda razão, até o acontecimento, de crer no reino temporal do Messias; todavia, enganava-se, como se viu depois. Mas sabemos o que nos aguarda a nós mesmos? Deus estará conosco até a consumação dos séculos; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, etc. Muito bem! Pergunto: disso resulta que *Deus*

interdita toda manifestação nova e não lhe é mais permitido nada além do que sabemos? É preciso convir que seria um estranho argumento.

“De agora em diante, uma nova efusão do Espírito Santo está no rol das coisas mais razoavelmente esperadas; daí por que é preciso que os pregadores desse novo dom possam citar as Santas Escrituras a todos os povos. Os apóstolos não são tradutores; têm muitas outras ocupações; mas a Sociedade Bíblica, instrumento cego da Providência, prepara suas diferentes versões, que os verdadeiros enviados explicarão um dia, em virtude de uma missão legítima, nova ou primitiva, não importa! que expulsará a dúvida da cidade de Deus; e é assim que os terríveis inimigos da unidade trabalham para a estabelecer.”

Observação – Estas palavras são tanto mais notáveis porque emanam de um homem de mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no mundo religioso. Talvez não se tenha visto tudo quanto elas encerram, porquanto são um protesto evidente contra o absolutismo e o estreito exclusivismo de certas doutrinas. Elas denotam no autor uma amplidão de vistas que tocam de leve a independência filosófica. Muitas vezes a ortodoxia se escandaliza por menos. As passagens sublinhadas são bastante explícitas e é supérfluo comentá-las; sobretudo os espíritas compreenderão facilmente o seu alcance. Seria impossível aí não ver a previsão de coisas que hoje se passam e as que o futuro reserva à Humanidade, tamanha é a relação dessas palavras com o estado atual e com o que, por todos os lados, anunciam os Espíritos.

COMUNICAÇÃO DE JOSEPH DE MAISTRE

(Sociedade de Paris, 22 de março de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Pergunta – Conforme os pensamentos contidos nos fragmentos cuja leitura acaba de ser feita, pareceis ter sido animado

pelo espírito profético, do qual falais e descreveis tão bem. Apenas meio século nos separa da época em que escrevíeis estas linhas notáveis, e já vemos se realizarem as nossas previsões. Talvez não sejam do ponto de vista exclusivo em que então vos colocavam as vossas crenças, mas com certeza tudo nos mostra como iminente e em via de realizar-se, a grande revolução moral que pressentistes e que preparam as idéias novas. O que dizeis tem uma relação tão evidente com o Espiritismo, que podemos, com toda a razão, vos considerar como um dos profetas de seu advento. Sem dúvida a Providência vos tinha colocado no meio em que, pelo fato mesmo dos vossos princípios, vossas palavras deviam ter mais autoridade. Foram compreendidas por vosso partido? Este ainda as compreende agora? É lícito duvidar.

Hoje que podeis encarar as coisas de maneira mais larga e abarcar mais vastos horizontes, ficaríamos satisfeitos em ter a vossa apreciação atual sobre o *espírito profético* e sobre a parte que deve ter o Espiritismo no movimento regenerador.

Além disso, ficaríamos muito honrados se, doravante, pudéssemos contar convosco no número dos Espíritos bons que querem bem concorrer para a nossa instrução.

Resposta – Senhores, embora não seja a primeira vez que me encontro entre vós, como me introduzi oficialmente hoje, pedirei que aceiteis os meus agradecimentos pelas palavras benevolentes que houvestes por bem pronunciar em minha intenção, e que recebais minhas felicitações pela sinceridade e pelo devotamento que presidem aos vossos trabalhos.

O amor da verdade foi o meu único guia, e se em vida fui partidário de uma seita que se aprendeu a julgar com severidade, é que nela acreditava encontrar os elementos, a força de ação necessária para chegar ao conhecimento desta verdade que eu suspeitava. – Vi a terra prometida, mas não pude penetrá-la em

vida. Mais feliz que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é conferido por vossa boa vontade, melhorando o vosso coração e o vosso espírito, e fazendo partilhar de vossa felicidade a todos os vossos irmãos em Humanidade, que não oporão à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem posto em face do desconhecido.

Como eles, eu teria querido raciocinar vossa crença antes de aceitá-la, mas não a teria odiado, por mais bizarro que fossem seus meios de manifestação, pela simples razão de que poderia prejudicar meus interesses, ou porque me agradasse agir assim.

Pudestes vos convencer, eu estava com o clero, adepto da moral do Evangelho, mas não estava com ele como partidário da imutabilidade do ensino e da impossibilidade de novas manifestações da vontade divina. Penetrado das santas Escrituras, que li, reli e comentei, a letra e o espírito me faziam prever o acontecimento novo. Agradeço-o a Deus, porque era feliz em esperança, porque sentia intuitivamente que participaria da felicidade de conhecer as novas verdades, onde quer que eu estivesse; por meus irmãos em Humanidade que viriam se dissiparem as trevas da ignorância e do erro, diante de uma evidência irrecusável.

O espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. – Na Europa, como na América, na Ásia, em toda parte, entre os católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas, a nova revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com o velho que se vai. – Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; os outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que pressentem. – E se a perseguição moral vos dobra sob o seu jugo, se o interesse material, a posição social detém alguns dos filhos do Espírito em

sua marcha ascendente, estes serão os mártires do pensamento, cujos suores intelectuais fecundarão o ensino e prepararão as gerações do futuro para uma vida nova.

Na França o Espiritismo se manifesta sob outro nome que na Ásia. Tem agentes nas diferentes tendências da religião católica, como as tem entre os sectários da religião muçulmana. – Lá a revelação, num grau inferior de desenvolvimento, é afogada no sangue; mas nem por isso deixa de prosseguir a sua marcha, e suas ramificações cercam o mundo numa vasta rede, cujas malhas vão se apertando à medida que o elemento regenerador mais se descobre. – Católicos e protestantes buscam fazer penetrar a nova crença entre os filhos do Islã, mas encontram obstáculos intransponíveis e pouquíssimos adeptos vêm colocar-se sob sua bandeira.

O espírito profético aí tomou outra forma; assimilou sua linguagem, suas instruções, às formas materiais e aos pensamentos íntimos daqueles a quem se dirigia. – Bendizei a Providência, que vê melhor que vós como e por que ela deve trazer o movimento que impele os mundos para o infinito.

A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a idéia se imprime no mármore do escultor, como sob a pena do historiador, e aquele que muito se admirasse de ser colocado entre os espíritos, é um instrumento do Todo-Poderoso para a edificação do Espiritismo.

Interrompo esta comunicação, que se torna fatigante para o médium, que não está habituado ao meu influxo fluídico. Continuá-la-ei de outra vez, e virei, já que tal é o vosso desejo, trazer minha parte de ação aos vossos trabalhos, pois não mais me contento de a eles assistir, testemunha invisível ou inspirador desconhecido, como já tenho sido muitas vezes.

J. de Maistre

A Liga do Ensino

(2º artigo)

(Vide o número precedente)

A propósito do artigo que publicamos sobre a liga do ensino, recebemos do Sr. Macé, seu fundador, a carta seguinte, que julgamos um dever publicar. Se expusemos os motivos sobre os quais apoiamos a opinião restritiva que emitimos, é de toda equidade confrontar as explicações do autor.

Beblenheim, 5 de março de 1867.

Senhor,

O Sr. Ed. Vauchez me comunica o que dissestes da *liga do ensino* na *Revista Espírita*, e tomo a liberdade de vos dirigir, não uma resposta para ser publicada em vossa *Revista*, mas algumas explicações pessoais sobre o *objetivo* que persigo, e o *plano* que tracei. Ficaria satisfeito se elas pudessem dissimular os escrúpulos que vos detêm e vos ligar a um projeto que não tem, pelo menos no meu espírito, o vácuo que nele vistes.

Trata-se de agrupar, em cada localidade, todos os que se sentem prontos a fazer ato de cidadania, contribuindo *pessoalmente* ao desenvolvimento da instrução pública em seu redor. Cada grupo deverá necessariamente fazer o seu programa, pois a medida de sua ação é necessariamente determinada por seus meios de ação. Aí me era impossível precisar alguma coisa; mas a *natureza* desta ação, o ponto capital, eu a precisei da maneira mais clara e mais nítida: Fazer instruir pura e simples, fora de toda preocupação de seita e de partido. Aí está um primeiro artigo uniforme, inscrito antecipadamente no topo de todos os prospectos; aí estará sua unidade moral. Todo círculo que vier a infringi-lo sairá de pleno direito da liga.

Sois, eu não poderia duvidá-lo, muito leal para não convir que não haverá, depois disto, lugar para nenhuma *decepção*, quando se chegar à execução. Aí só se decepcionariam os que tivessem entrado na liga com a secreta esperança de fazê-la servir ao triunfo de uma opinião particular: eles estão prevenidos.

Quanto às intenções que poderia ter o próprio autor do projeto, e à confiança que convém conceder-lhe, permiti-me ficar com a resposta que já dei uma vez a uma suspeita emitida nos *Anais do Trabalho*, da qual vos peço que tomeis conhecimento. Ela se dirige a uma dúvida quanto às minhas tendências liberais; pode dirigir-se também às dúvidas que poderiam ser levantadas em outros espíritos sobre a lealdade de minha declaração de neutralidade.

Ouso esperar, senhor, que essas explicações vos pareçam suficientemente claras para modificar vossa primeira impressão e que julgareis acertado, se assim o for, dizê-lo aos vossos leitores. Todo bom cidadão deve o apoio de sua influência pessoal ao que reconhece útil, e eu me sinto tão convencido da utilidade de nosso projeto da Liga, que me parece impossível possa ela escapar a um espírito tão experimentado quanto o vosso.

Recebei, senhor, minhas mui cordiais e fraternas saudações.

Jean Macé

A esta carta o Sr. Macé houve por bem juntar o número dos *Annales du travail*, no qual se acha a resposta mencionada acima, e que reproduzimos integralmente.

Beblenbeim, 4 de janeiro de 1867.

Senhor Redator,

A objeção que fizestes relativamente a uma possível modificação de minhas idéias liberais e, em consequência, ao perigo, também possível, de uma direção má, dada ao ensino da Liga, tal objeção me parece lamentável, e eu vos peço permissão para responder aos que vo-la fizeram, não pelo que me concerne – julgo-o inútil – mas pela honra de minha idéia, que não compreenderam. A Liga nada ensina e não terá direção a dar. É, pois, supérfluo inquietar-se desde já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la.

Faço apelo a todos os que levam a sério o desenvolvimento da instrução em seu país e que desejam nela trabalhar, quer para os outros, ensinando, quer para si mesmos, aprendendo. Convido-os a se associarem em todos os pontos do território; a fazer ato de cidadania, combatendo a ignorância, e de sua bolsa e de sua pessoa, o que vale ainda mais; a perseguir homem a homem, os maus pais, que não mandam os filhos à escola; a fazer vergonha aos camaradas que não sabem ler nem escrever; a lhes lembrar que sempre é tempo; em lhes pôr o livro e a pena na mão, caso necessário, improvisando-se professores, cada um daquilo que sabe; em criar cursos e bibliotecas, em benefício dos ignorantes que desejam cessar de o ser; enfim, em formar por toda a França um só feixe para se prestar mútuo auxílio contra as influências inimigas – algumas há, infelizmente, de uma elevação considerada perigosa, segundo o nível intelectual do povo.

Caso se consiga fazer tudo isto, por favor, em que sentido inquietante esse movimento poderia ser dirigido, fosse por quem fosse? Que se organize, por exemplo, em Paris, entre operários, *Sociedades de cultura intelectual*, como as que existem às centenas em cidades da Alemanha, e das quais o Sr. Edouard Pfeiffer, presidente da Associação de Instrução Popular de Wurtemberg, explicava o funcionamento de maneira tão interessante no número do *Coopération* de 30 de setembro último;

que, no bairro de Santo Antônio, no quarteirão do Temple, em Montmartre, em Batignolles, grupos de trabalhadores entrados na *Liga* se reúnam para se dar, em conjunto, em certos dias, saraus de instrução com professores de boa vontade, ou mesmo pagos, por que não? – os operários ingleses e alemães não se recusam a este luxo – eu queria bem saber o que virão lá fazer as doutrinas de um professor de moças que dá suas aulas em Beblenheim, e que não tem a menor vontade de mudar de alunos. – Esta gente não estará em casa? Precisaré pedir licença a mim?

Não que eu me proíba de ter uma doutrina em matéria de ensino popular. Certamente tenho uma; sem isto não me permitira pôr-me como meu próprio chefe, à frente de um movimento como este. Ei-la tal qual acabo de a formular no *Anuário da Associação de 1867*. É a negação mesma de toda direção “em tal sentido em vez de outro”, para me servir da expressão dos que não estão inteiramente seguros de mim, e me declaro pronto a pôr a seu serviço tudo quanto eu possa ter de autoridade pessoal – não temo falar disto porque tenho consciência de havê-la ganho legalmente:

“Pregar ao ignorante *num ou noutra sentido*, nada adianta e não o faz avançar. Ele fica depois à mercê de pregações contrárias, delas não sabendo mais do que sabia antes. Que aprenda o que sabem os que lhe pregam – já é outra coisa; ficará em estado de pregar e os que temessem que ele próprio fosse um mau pregador, podem assegurar-se previamente. A instrução não tem duas maneiras de agir sobre os que a possuem. Se nelas se acham bem por sua conta, por que não prestaria ela o mesmo serviço aos outros?”

Se os vossos correspondentes “de fora” conhecem uma maneira mais liberal de entender a questão do ensino popular, que tenham a bondade de mo ensinar. Não conheço nenhuma.

Jean Macé

P. S. – Pedis que eu responda a uma pergunta que vos foi feita sobre o destino futuro de somas subscritas para a *Liga*.

A subscrição aberta presentemente destina-se a cobrir as despesas de propaganda do projeto. Publicarei em cada boletim, como acabo de fazer no primeiro, o balanço das receitas e das despesas e prestarei minhas contas, com documentos comprobatórios, à comissão que for nomeada para tal fim, na primeira assembléia geral.

Quando a liga for constituída, o emprego das cotizações anuais deverá ser determinado – pelo menos é a minha opinião – no seio dos grupos aderentes que se formarem. Cada grupo fixaria a parte que lhe conviria no fundo geral de propaganda da obra, para onde iriam igualmente as cotizações dos aderentes que não julgassem a propósito engajar-se num grupo especial.

Reflexões sobre as cartas precedentes:

Talvez isto se deva à falta de perspicácia de nossa inteligência, mas confessamos com toda a humildade não estar mais esclarecido do que antes; diremos mesmo que as explicações acima vêm confirmar nossa opinião. Haviam-nos dito que o autor do projeto tinha um programa bem definido, mas que se reservava para o dar a conhecer quando as adesões fossem suficientes. Esta maneira de proceder nem nos parecia lógica, nem prática, porquanto, racionalmente, não se pode aderir àquilo que não se conhece. Ora, a carta que o Sr. Macé teve a gentileza de nos escrever, não nos dá absolutamente a entender que seja assim; ao contrário, diz: “*Cada grupo necessariamente deverá fazer seu próprio programa*”, o que significa que o autor não tem um que lhe seja pessoal. Disso resulta que se houver mil grupos, pode haver mil programas; é a porta aberta à anarquia dos sistemas.

É verdade que ele acrescenta que o ponto capital é precisado da maneira *mais clara e mais nítida* pela indicação do

objetivo, que é “fazer instrução pura e simples, fora de qualquer preocupação de seita e de partido.” O objetivo é louvável, sem dúvida, mas nele não vemos senão boa intenção e não a indispensável precisão das coisas práticas.

“Todo círculo – acrescenta ele – que viesse a infringi-lo, sairia de pleno direito da Liga.” Eis a medida cominatória. Pois bem! esses círculos serão livres para sair da Liga, e para formar outras ao lado, sem julgar ter desmerecido fosse no que fosse. Eis, pois, a Liga principal rompida desde o princípio, por falta de unidade de vistas e de conjunto. O objetivo indicado é tão geral que se presta a um erro de aplicações muito contraditórios, e que cada um, interpretando-o segundo suas opiniões pessoais, julgará estar certo. Aliás, onde está a autoridade que legalmente pode pronunciar esta exclusão? Não existe. Não há nenhum centro regulador com qualidade para apreciar ou controlar os programas individuais que se afastassem do plano geral. Tendo cada grupo sua própria autoridade e seu centro de ação, é o único juiz do que faz. Em tais condições cremos impossível um entendimento.

Até aqui só vemos nesse projeto uma idéia geral. Ora, uma idéia não é um programa. Um programa é uma linha traçada, da qual ninguém pode afastar-se conscientemente, um plano decidido nos mais minuciosos detalhes, e que nada deixa ao arbitrário, onde todas as dificuldades de execução estão previstas e onde as vias e meios são indicados. O melhor programa é o que dá menos chance à improvisação.

“Era-me mesmo impossível precisar alguma coisa – diz o autor – porque a medida de ação de cada grupo será necessariamente determinada por seus meios de ação.” – Em outros termos, pelos recursos materiais de que poderá dispor. Mas isto não é uma razão. Todos os dias fazem-se planos, elaboram-se projetos subordinados aos meios eventuais de execução. É somente vendo um plano, que o público se decide a associar-se, conforme compreenda a sua utilidade e nele veja elementos de sucesso.

O que, antes de tudo, teria sido preciso fazer, era assinalar com precisão as lacunas do ensino que se propunham encher, as necessidades que se queria prover; dizer: se se entendia favorecer a gratuidade do ensino, retribuindo ou indenizando professores ou professoras; fundar escolas onde não as há; suprir a insuficiência do material de instrução nas escolas muito pobres para dele se prover; fornecer livros às crianças que não os podem comprar; instituir prêmios de encorajamento para os alunos e professores; criar cursos para adultos; pagar homens de talento para ir, como missionários, fazer conferências instrutivas no campo e destruir as idéias supersticiosas com o auxílio da Ciência; definir o objetivo e o espírito desses cursos e dessas conferências, etc., essas e outras coisas. Só então o objetivo teria sido claramente especificado. Depois poderiam dizer: “Para o atingir, são precisos recursos materiais.” Então vamos apelar aos homens de boa vontade, aos amigos do progresso, aos que simpatizam com nossas idéias; que formem comitês por Departamentos, bairros, cantões ou comunas, encarregados de recolher subscrições. Não haverá caixa geral e central; cada comitê terá a sua, cujo emprego dirigirá conforme o programa traçado, em razão dos recursos de que poderá dispor; se recolher muito, fará muito; se recolher pouco fará menos. Mas haverá um comitê diretor, encarregado de centralizar as informações, transmitir os avisos e as instruções necessárias, resolver as dificuldades que possam surgir, imprimir ao conjunto um cunho de unidade, sem o qual a *liga* seria uma palavra vã. Entende-se uma *liga* como uma associação de indivíduos marchando de comum acordo e solidariamente para a realização de um objetivo determinado. Ora, desde o instante que cada um pode entender o objetivo à sua maneira, e agir como quiser, não há mais liga nem associação.

Aqui não se trata apenas de uma meta a alcançar. Desde o instante que sua realização repousa em capitais a recolher por meio de subscrições, há combinação financeira; a parte econômica do projeto não pode ser deixada ao capricho dos indivíduos, nem

ao sabor dos acontecimentos, sob pena de periclitár; ela reclama uma elaboração prévia, séria, um plano concebido com previdência na previsão de todas as eventualidades.

Um ponto essencial no qual parece não terem pensado, é este: Sendo *permanente* o fim a que se propõem, e não temporário, como quando se trata de um infortúnio a aliviar, ou de um monumento a erguer, exige recursos *permanentes*. Prova a experiência que jamais se deve contar com subscrições voluntárias regulares e perpétuas; assim, se se operasse diretamente com o produto das subscrições, logo tal produto seria absorvido. Se se quiser que a operação não seja interrompida em sua própria fonte, é preciso constituir uma receita para não viver do seu capital; por conseguinte, capitalizar as subscrições da maneira mais segura e produtiva. Como? com que garantia e sob que controle? Eis o que todo projeto, que se baseie num movimento de capitais, deve prever antes de tudo, e determinar antes de algo recolher, como igualmente deve determinar o emprego e a repartição dos fundos coletados por antecipação, no caso em que, por uma causa qualquer, não lhe dessem continuidade. Por sua natureza, o projeto comporta uma parte econômica tanto mais importante quanto é dela que depende seu futuro, e aqui falta completamente.

Suponhamos que antes do estabelecimento das sociedades de seguros, um homem tivesse dito: “Os incêndios fazem devastações diárias; pensei que se nos associássemos e nos cotizássemos poderíamos atenuar os efeitos do flagelo. Como? Ignoro-o. Primeiramente farei a minha subscrição, depois decidiremos. Vós mesmos procurareis o meio que melhor vos convier e tratareis de vos entender.” Sem dúvida a idéia teria sorrido a muitos; mas quando se tivessem posto à obra, com quantas dificuldades práticas não se teriam chocado, por não terem tido uma base previamente elaborada! Parece-nos que aqui o caso é mais ou menos o mesmo.

A carta publicada nos *Anais do Trabalho* e referida acima, não elucida mais a questão; confirma que o plano e a execução do projeto são deixados ao arbítrio e à iniciativa dos subscritores. Ora, quando a iniciativa é deixada a todos, ninguém a toma. Aliás, se os homens têm bastante raciocínio para apreciar se o que lhes oferecem é bom ou mau, nem todos estão aptos para elaborar uma idéia, sobretudo quanto ela abarca um campo tão vasto quanto este. Essa elaboração é o complemento indispensável da idéia primitiva. Uma liga é um corpo organizado, que deve ter um regulamento e estatutos, para marchar em conjunto, se quiser chegar a um resultado. Se o Sr. Macé tivesse estabelecido estatutos, mesmo provisórios, sob a condição de os submeter mais tarde à aprovação dos subscritores, que os poderiam modificar livremente, como é de praxe em todas as associações, teria dado um corpo à Liga, um ponto de ligação, ao passo que ela não tem nem um nem outro. Dizemos mesmo que não tem bandeira, já que é dito na carta precitada: *A liga nada ensinará e não terá direção a dar; é, pois, supérfluo inquietar-se desde já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la.* Conceberíamos esse raciocínio se se tratasse de uma operação industrial; mas numa questão tão delicada quanto o ensino, que é encarado sob pontos de vista tão controvertidos, que toca os mais graves interesses da ordem social, não compreendemos que se possa fazer abstração da opinião daquele que, a título de fundador, deve ser a alma do empreendimento. Tal asserção é um erro lamentável.

Do vácuo que reina na economia do projeto, resulta que, subscrevendo-o, ninguém sabe a que, nem por que se empenha, pois não sabe que direção tomará o grupo do qual faz parte; que se encontrarão até subscritores que não farão parte de nenhum grupo. A organização desses grupos nem sequer é determinada; suas circunscrições, suas atribuições, sua esfera de atividade, tudo é deixado no desconhecido. Ninguém tem qualificação para os convocar; contrariamente ao que se pratica em casos semelhantes, nenhum comitê de vigilância é instituído para regular e controlar o emprego dos fundos recolhidos por

antecipação e que servem para pagar as despesas de propaganda da idéia. Já que há despesas gerais pagas com os fundos dos subscritores, seria preciso que estes últimos soubessem em que consistem. O autor quer lhes deixar toda a liberdade de agir para se organizarem como bem entenderem; quer ser apenas o promotor da idéia. Seja. E longe de nós o pensamento de levantar contra a sua pessoa a menor suspeita de desconfiança; mas dizemos que para a marcha regular de uma operação deste gênero e para lhe garantir o sucesso, há medidas preliminares indispensáveis, que foram totalmente negligenciadas, o que vemos com pesar, no interesse mesmo da causa. Se for intencionalmente, julgamos mal fundado o pensamento; se for por esquecimento, é lastimável.

Não temos autoridade para dar qualquer conselho nesta questão, mais eis como geralmente se procede em semelhantes casos.

Quando o autor de um projeto que necessita de um apelo à confiança pública não quer assumir sozinho a responsabilidade da execução e, também com o objetivo de cercar-se de mais luzes, preliminarmente reúne em seu redor certo número de pessoas cujos nomes sejam uma recomendação, que se associam à sua idéia e a elaboram com ele. Essas pessoas constituem o primeiro comitê, quer consultivo, quer cooperativo, provisório até a constituição definitiva da operação e da nomeação, pelos interessados, de um conselho fiscal permanente. Tal comitê é para estes últimos uma garantia, pelo controle que exerce sobre as primeiras operações, das quais é encarregado de prestar contas, bem como das primeiras despesas. Além disso, é um apoio e uma divisão de responsabilidade para o fundador. Este, falando em seu nome, e escorado no conselho de vários, haure nessa autoridade coletiva uma força moral sempre mais preponderante sobre a opinião das massas do que a autoridade de um só. Se tivessem procedido assim com a Liga do Ensino, e se o projeto tivesse sido apresentado nas formas usuais e em condições mais práticas, sem dúvida alguma os aderentes teriam sido mais numerosos. Mas tal como está, em nossa opinião deixa muitos indecisos.

Embora o projeto esteja entregue à publicidade e, por conseguinte, ao livre-exame de cada um, dele não teríamos falado se, de certo modo, não tivéssemos sido constrangidos pelos pedidos que nos eram dirigidos. Em princípio, sobre coisas às quais, do nosso ponto de vista, não podemos dar inteira aprovação, preferimos guardar silêncio, a fim de não lhe trazer nenhum entrave. Como nos pediram novas explicações a propósito de nosso último artigo, julgamos necessário motivar nossa maneira de ver com maior precisão. Mas, ainda uma vez, apenas damos a nossa opinião, que não compromete ninguém. Seríamos felizes se fôssemos o único de nossa opinião, e se o acontecimento viesse provar que nos enganamos. Associamo-nos de coração à idéia matriz, mas não ao seu modo de execução.

Manifestações Espontâneas

O MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON

Sob o título de *O diabo do moinho*, o *Moniteur de l'Indre* de fevereiro de 1867 contém o seguinte relato:

“O Sr. François Garnier é fazendeiro e moendeiro no burgo de Vicq-sur-Nahon. É, gostamos de pensar, um homem pacífico e, contudo, desde o mês de setembro, seu moinho é teatro de fatos miraculosos, próprios a fazer supor que o diabo, ou pelo menos um Espírito brincalhão, ali elegeu o seu domicílio. Por exemplo, parece fora de dúvida que, diabo ou Espírito, o autor dos fatos que vamos narrar gosta de dormir à noite, porque só *trabalha* de dia.

“Nosso Espírito gosta de fazer malabarismos com as cobertas das camas. Toma-as sem que ninguém o perceba, leva-as e vai escondê-las, ora nas vigas do teto, ora no forno, ora sob montes de feno. Transporta de uma cavaliçã para a outra os lençóis da cama do rapaz, e mais de uma hora depois são encontrados sob o feno ou nas grades da manjedoura. Para abrir as

portas, o Espírito Vicq-sur-Nahon não precisa de chave. Um dia o Sr. Garnier, em presença de seus empregados, fechou com duas voltas a porta da padaria e pôs a chave no bolso; mesmo assim, a porta abriu-se quase imediatamente, aos olhos de Garnier e dos criados, sem que pudessem explicar como.

“Outra vez, a 1^o de janeiro – maneira inteiramente nova de fazer votos de feliz ano-novo a alguém – um pouco antes da noite, o leito de penas, os lençóis, os cobertores de uma cama situada num quarto são levantados sem que a cama se desarrume e encontram esses objetos no chão, perto da porta do quarto. Garnier e os seus imaginam, então, na esperança de conjurar toda esta feitiçaria, mudar as camas de quarto, o que de fato ocorre; mas, feita a troca, os fatos diabólicos que acabamos de contar recomeçam com mais intensidade. Por diversas vezes, um rapaz da cavalaria encontra aberta sua arca, onde guarda seus objetos pessoais, e estes espalhados na cocheira.

“Mas eis duas circunstâncias em que se revela toda a diabólica habilidade do Espírito. No número dos domésticos do Sr. Garnier encontra-se uma mocinha de 13 anos, chamada Marie Richard. Um dia, estando esta menina num quarto, de repente viu surgir sobre o leito uma pequena capela, e todos os objetos colocados sobre a chaminé, 4 vasos, 1 Cristo, 3 copos, 2 xícaras, numa das quais havia água-benta, e uma pequena garrafa também cheia de água-benta, ir sucessivamente, como se obedecesse à ordem de um ser invisível, tomar lugar sobre o altar improvisado. A porta do quarto estava entreaberta, e a mulher do irmão da pequena Richard, perto da porta. Uma sombra *saiu* da capela, no dizer da pequena Richard, aproximou-se dela e a encarregou de convidar os donos a dar um pão bento e mandar dizer uma missa. A menina promete; durante nove dias reina a calma no moinho. Garnier manda rezar a missa pelo cura de Vicq, oferece um pão bento e a partir do dia seguinte, 15 de janeiro, as diabruras recomeçam.

“As chaves das portas desaparecem; as portas, deixadas abertas, aparecem fechadas; um serralheiro, chamado para abrir a porta do moinho, não o consegue e se vê na necessidade de desmontar a fechadura. Estes últimos fatos se passavam a 29 de janeiro. No mesmo dia, por volta do meio-dia, quando os empregados tomavam sua refeição, a menina Richard toma um cântaro de bebida, serve-se, e o relógio do Sr. Garnier, pendurado a um prego na chaminé, cai em seu copo. Repõem o relógio na chaminé; mas a menina Richard, tomando um prato servido sobre a mesa, traz o relógio com sua colher. Pela terceira vez penduram o relógio em seu lugar e, pela terceira vez, a pequena Richard o encontra numa panela que fervia ao fogo, assim como uma garrafinha de remédio, cuja rolha lhe salta ao rosto.

“Em suma, o terror se apodera dos habitantes do moinho; ninguém mais quer ficar numa casa enfeitada. Por fim Garnier toma o partido de prevenir o sr. comissário de polícia de Valençay, que se dirige a Vicq, acompanhado de dois guardas. Mas o diabo não quis mostrar-se aos agentes da autoridade. Apenas estes aconselharam Garnier que despedisse a mocinha Richard, o que logo fez. Esta medida terá bastado para pôr o diabo em debandada? Esperemo-lo, para tranqüilidade da gente do moinho.”

Num número posterior, o *Moniteur de l'Indre* contém o que segue:

“Contamos, no devido tempo, todas as diabruras que se passaram no moinho de Vicq-sur-Nahon, cujo locatário é o Sr. Garnier. Até agora cômicas, essas diabruras começam a virar tragédia. Depois das farsas, dos malabarismos, das prestidigitações, eis que o diabo recorre ao incêndio.

“No dia 12 deste mês ocorreram duas tentativas de incêndio, quase que simultaneamente, nas cavalariças do Sr. Garnier. A primeira aconteceu pelas cinco horas da tarde. O fogo

tomou a palha, ao pé da cama dos rapazes moendeiros. O segundo incêndio surgiu cerca de uma hora depois, mas em outra estrebaria. O fogo surgiu igualmente ao pé de uma cama e na palha.

“Felizmente esses dois incêndios foram extintos pelo pai de Garnier, de oitenta anos, e seus empregados, prevenidos pela citada Marie Richard.

“Nossos leitores devem lembrar-se de que essa mocinha de quatorze anos, era sempre a primeira que percebia as feitiçarias que ocorriam no moinho, não obstante, seguindo os conselhos que lhe tinham sido dados, Garnier houvesse despedido a pequena Richard. Quando os dois incêndios surgiram, essa jovem tinha voltado há quinze dias à casa do Sr. Garnier. Foi ela ainda a primeira a notar os dois incêndios de 12 de março.

“Conforme as pesquisas feitas no moinho, as suspeitas caíram sobre duas empregadas.

“A família Garnier está de tal modo chocada com os acontecimentos de que seu moinho foi teatro, que se persuadiu de que o diabo, ou pelo menos algum Espírito malfazejo, fixou domicílio em sua morada.”

Um dos nossos amigos escreveu ao Sr. Garnier, pedindo que lhe informasse se eram reais ou contos para divertir, os fatos relatados no jornal e, em todo o caso, o que podia haver de verdadeiro ou de exagerado na história.

O Sr. Garnier respondeu que tudo era perfeitamente exato e conforme à declaração que ele próprio havia feito ao comissário de polícia de Valençay. Confirma, também, os dois incêndios e acrescenta: O jornal nem contou tudo. De acordo com sua carta, os fatos se produziam há quatro ou cinco meses, e se viu forçado a fazer a declaração porque não conseguiu descobrir o autor. Termina dizendo: “Não sei, senhor, com que propósito me

pedis estas informações; mas se tiverdes algum conhecimento dessas coisas, peço-vos participar de minhas penas, pois vos asseguro que não estamos à vontade em nossa casa. Se puderdes encontrar um meio de descobrir o autor de todos esses fatos escandalosos, prestar-nos-eis um grande serviço.”

Um ponto importante a esclarecer era saber qual podia ser a participação da mocinha, seja voluntariamente por malícia, seja inconscientemente por sua influência. Sobre esta questão, o Sr. Garnier disse que a jovem, só tendo estado ausente da casa durante quinze dias, não tinha podido julgar o efeito de sua ausência; mas que não lhe tem nenhuma suspeita, como malevolência, nem sobre os outros empregados; que quase sempre ela tinha anunciado o que se passava fora de seu alcance; que, assim, dissera várias vezes: “Eis a cama que se desarruma em tal quarto” e que, aí entrando sem a perder de vista, encontravam o leito desarrumado; que também preveniu os dois incêndios, ocorridos depois de sua volta.

Como se vê, esses fatos pertencem ao mesmo gênero de fenômenos dos de Poitiers (*Revista* de fevereiro e março de 1864; idem, maio de 1865); de Marselha (abril de 1865); de Dieppe (março de 1860), e tantos outros que podem ser chamados *manifestações barulhentas e perturbadoras*.

De início faremos notar a diferença que existe entre o tom deste relato e o do jornal de Poitiers, por ocasião do que se passou naquela cidade. Lembre-se o dilúvio de sarcasmos que, a respeito, fizeram chover sobre os espíritas, e sua persistência em sustentar, contra a evidência, o que só podia ser obra de gracejadores de mau gosto, que não tardariam a ser descobertos, mas que, em definitivo, jamais descobriram. O *Moniteur de l'Indre*, mais prudente, limita-se a um relato, que não é temperado por nenhuma troça descabida, e que antes implica uma afirmação que uma negação.

Uma outra observação é que fatos deste gênero ocorreram muito antes que se cogitasse do Espiritismo e que, desde então, quase sempre se passaram entre pessoas que não o conheciam nem de nome, o que exclui qualquer influência devida à crença e à imaginação. Se acusassem os espíritas de simular essas manifestações com vistas à propaganda, perguntar-se-ia quem os poderia produzir antes que houvesse espíritas.

Não conhecendo o que se passou no moinho de Vicq-sur-Nahon senão pelo relato que fizeram, limitamo-nos a constatar que aqui nada se afasta daquilo cuja possibilidade o Espiritismo admite, nem das condições normais nas quais semelhantes fatos podem produzir-se; que esses fatos se explicam por leis perfeitamente naturais e, por conseguinte, nada têm de maravilhoso. Só a ignorância dessas leis pôde, até hoje, fazer que fossem consideradas como efeitos sobrenaturais, como tem ocorrido com quase todos os fenômenos cujas leis mais tarde a Ciência revelou.

O que pode parecer mais extraordinário, e se explica menos facilmente é o fato das portas abertas, depois de cuidadosamente fechadas a chave. As manifestações modernas disto oferecem vários exemplos. Um fato análogo passou-se em Limoges, há alguns anos (*Revista* de agosto de 1860). Mesmo que o estado de nossos conhecimentos ainda não nos permita dar-lhe uma explicação concludente, isto nada prejudica, porque estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que encerra este mundo, nem todas as aplicações das leis que conhecemos. O Espiritismo ainda não disse a última palavra; longe disso: nem sobre as coisas físicas, nem sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão fruto de observações ulteriores. De certo modo o Espiritismo não fez, até agora, senão fincar as primeiras balizas de uma ciência cujo alcance é desconhecido. Com o auxílio do que já descobriu, abre aos que vierem depois de nós, o caminho das investigações numa ordem

especial de idéias. Só procede por observações e deduções, e jamais por suposição. Se um fato é constatado, diz-se que deve ter uma causa e que esta causa só pode ser natural; então ele a procura. Em falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até que seja confirmada, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. Em relação ao fenômeno das portas abertas, como ao dos transportes através de corpos rígidos, ainda está reduzido a uma hipótese, baseada nas propriedades fluídicas da matéria, muito imperfeitamente conhecidas, ou, melhor dizendo, apenas suspeitadas. Se o fato em questão for confirmado pela experiência, deve ter, como dissemos, uma causa natural; se se repetir, não é uma exceção, mas a consequência de uma lei. A possibilidade da libertação de São Pedro de sua prisão, referida nos Atos dos Apóstolos, capítulo 12, seria assim demonstrada sem que houvesse necessidade de recorrer ao milagre.

De todos os efeitos mediúnicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular. Por isso, deve-se evitar aceitar muito levemente, como autênticos, os fatos deste gênero, sejam espontâneos, como os do moinho de Vicq-sur-Nahon, sejam conscientemente provocados pelo médium. A imitação, é verdade, só poderia ser grosseira e imperfeita, mas com habilidade pode-se enganar facilmente, como outrora fizeram com a dupla vista, aos que não conheciam as condições nas quais os fenômenos reais podem produzir-se. Vimos supostos médiuns de rara habilidade simulando transportes, escrita direta e outros gêneros de manifestações. Assim, só se deve admitir com conhecimento de causa a intervenção dos Espíritos nessas espécies de coisas.

No caso de que se trata não afirmamos esta intervenção; limitamo-nos a dizer que ela é possível. Apenas os dois princípios de incêndio poderiam fazer suspeitar um ato humano, suscitado pela malevolência, que sem dúvida o futuro levará a descobrir. Todavia, é bom notar que, graças à clarividência

da jovem, suas conseqüências puderam ser evitadas. Com exceção deste último fato, os demais não passaram de travessuras sem maior importância. Se são obra dos Espíritos, só podem provir dos Espíritos levianos, divertindo-se com os terrores e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como na Terra. O melhor meio de se desembaraçar deles é não se inquietar com eles e esgotar a sua paciência, que jamais é tão longa quando vêem que ninguém se preocupa com eles, o que se lhes prova rindo de suas malícias e os desafiando a fazer mais. O meio mais seguro de os excitar a perseverar é atormentar-se e encolerizar-se contra eles. Pode-se ainda livrar-se deles evocando-os com o auxílio de um bom médium e orando por eles; então, entretendo-se com eles, pode saber-se o que são e o que querem, e os fazer escutar a razão.

Aliás, estes tipos de manifestações têm um resultado mais sério: o de propagar a idéia do mundo invisível que nos rodeia, e afirmar a sua ação sobre o mundo material. É por isto que elas se produzem de preferência entre pessoas estranhas ao Espiritismo, antes que nos espíritas, que delas não necessitam para se convencerem.

A fraude, em semelhante caso, por vezes pode ser apenas inocente brincadeira, ou um meio de se dar importância, fazendo crer numa faculdade que não se possui, ou se a possui imperfeitamente. Mas na maioria dos casos ela tem por móvel um interesse patente ou dissimulado, e por objetivo explorar a confiança das pessoas demasiado crédulas ou inexperientes. É então uma verdadeira fraude. Seria supérfluo insistir em dizer que os que se tornam culpados de quaisquer enganos deste gênero, mesmo que fossem solicitados apenas pelo amor-próprio, não são espíritas, ainda que se dêem como tais. Os fenômenos reais têm um caráter *sui generis*, e se produzem em circunstâncias que desafiam toda suspeição. Um conhecimento completo desses caracteres e dessas circunstâncias pode facilmente levar a descobrir a trapaça.

Se essas explicações chegarem ao conhecimento do Sr. Garnier, ele aí encontrará a resposta ao pedido que faz em sua carta.

Um de nossos correspondentes nos transmite o relato, escrito por uma testemunha ocular, de manifestações análogas ocorridas em janeiro último, no burgo da Basse-Indre (Loire-Inférieure). Consistiam em batidas com obstinação, durante várias semanas e que puseram em polvorosa todos os habitantes de uma casa. As pesquisas e investigações feitas pela autoridade para lhes descobrir a causa não conduziram a nada. Aliás, este fato não apresenta nenhuma particularidade mais notável, a não ser, como todas as manifestações espontâneas, chamar a atenção para os fenômenos espíritos.

Como fato de manifestações físicas, as que se produzem assim espontaneamente exercem sobre a opinião pública uma influência infinitamente maior que os efeitos provocados diretamente por um médium, seja porque têm maior repercussão e notoriedade, seja porque dão menos ensejo às suspeitas de charlatanismo e de prestidigitação.

Isto nos lembra um fato que se passou em Paris, no mês de maio do ano passado. Ei-lo, tal como foi referido na ocasião, pelo *Petit Journal*.

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT

Um fato singular se repete freqüentemente no bairro de Ménilmontant, sem que se tenha ainda podido explicar sua causa.

“O Sr. X..., fabricante de bronzes, mora num pavilhão ao fundo da casa; aí se entra pelo jardim. Os ateliês estão à esquerda e a sala de jantar à direita. Uma campainha está colocada acima da porta da sala de jantar; naturalmente o cordão está à porta do

jardim. A aléia é bastante longa para que uma pessoa, tendo tocado, possa fugir antes que tenham vindo abrir.

“Várias vezes o contramestre, tendo ouvido a campainha, foi à porta e não viu ninguém. A princípio pensaram numa mistificação; mas, por mais que espreitassem e se assegurassem de que não havia nenhum fio que levasse à campainha, nada descobriram, e a artimanha continuava sempre. Um dia a campainha se agitou enquanto o Sr. e a Sra. X... achavam-se precisamente embaixo e um aprendiz estava na aléia diante do cordão. O fato se repetiu três vezes na mesma noite. Acrescente-se que por vezes a campainha tocava bem baixinho e outras vezes de maneira muito barulhenta.

“Desde alguns dias o fenômeno tinha cessado, mas anteontem à noite renovou-se com mais persistência.

“A Sra. X... é uma mulher muito piedosa. Há uma crença em sua região que os mortos vêm reclamar preces dos parentes. Ela pensou numa tia morta e julgou ter achado a explicação. Mas preces, missas, novenas, nada resolveu: a campainha toca sempre.

“Um distinto metalurgista, a quem o fato foi contado, pensou que fosse um fenômeno científico e que uma certa quantidade de água-forte e de vitríolo, que se achava na oficina, podia desprender uma força bastante grande para mover o fio de ferro. Mas, afastadas as substâncias, o fato não cessou de se produzir.

“Não procuraremos explicá-lo, pois é assunto dos cientistas, diz a *Patrie*, que bem poderia enganar-se. Essas espécies de mistérios muitas vezes terminam se explicando sem que a Ciência aí constate o menor fenômeno ainda desconhecido.”

Dissertação Espírita

MISSÃO DA MULHER

(Lyon, 6 de julho de 1866 – Grupo da Sra. Ducard – Médium: Sra. B...)

Cada dia os acontecimentos da vida vos trazem ensinamentos susceptíveis de vos servir de exemplo e, contudo, passais sem os compreender, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocaram. Entretanto, nesta união íntima da Terra e do espaço, dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, ligados à realização de sua tarefa, há desses exemplos, cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher, cuja posição social atrai todos os olhares, vai-se, humilde irmã de caridade, levar a todos a consolação de sua palavra, a afeição de seu coração, a carícia de seus olhos. Ela é imperatriz; sobre sua fronte brilha a coroa de diamantes, mas ela esquece a sua posição, esquece o perigo para acorrer ao meio do sofrimento e dizer a todos: “Consolai-vos; eis-me aqui! Não sofraíeis mais: eu vos falo; não vos inquieteis: eu tomarei conta de vossos órfãos!...” O perigo é iminente, o contágio está no ar e, contudo, ela passa, calma e radiosa, em meio a estes leitos, onde jaz a dor. Nada calculou, nada temeu, foi aonde a chamava o coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e endireitar suas frágeis hastes.

Este exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, por certo é um estimulante para as mulheres que sentem vibrar em si essa delicadeza de sentimento que Deus lhes deu para cumprir sua tarefa; porque elas estão encarregadas principalmente de espalhar a consolação e, sobretudo, a conciliação. Não têm a graça e o sorriso, o encanto da voz e a doçura da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as escolheu como as nutrizes das meigas criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a desgraça, não lhes vem pedir que lhe

inculque idéias diferentes das que traz ao nascer? É para elas que estende suas mãozinhas; sua voz, outrora rude, e seus acentos, que vibravam como o cobre, se abrandarão como um doce eco, quando disser: mamãe.

É a mulher que ele implora, esse doce querubim, que vem aprender a ler no livro da Ciência; é para lhe agradar que fará todos os esforços para se instruir e tornar-se útil à Humanidade. – É ainda para ela que ele estende as mãos, esse jovem que se transviou na estrada e quer voltar ao bem; não ousaria implorar a seu pai, cuja cólera receia, mas sua mãe, tão doce e tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres? Atraem e encantam. Chamam-nas a tentação, mas deviam chamá-las a lembrança, porque sua imagem fica gravada em caracteres indeléveis no coração de seus filhos, quando não mais existem; não é no presente que são apreciadas, mas no passado, quando a morte as restituiu a Deus. – Então seus filhos as buscam no espaço, como o marinheiro busca a estrela que o deve conduzir ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito que ficou na Terra e que espera encontrá-las no céu. São ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa; e, assim como foram o anjo do lar terreno, elas se tornam o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que tendes sido oprimidas na Terra, mulheres que sois tidas como escravas do homem, porque vos submetestes à sua dominação, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai vossa tarefa; ficai como medianeiras entre o homem e Deus, e compreendi bem a influência de vossa intervenção. – Este é um Espírito ardente, impetuoso; o sangue lhe ferve nas veias; vai se exaltar, será injusto; mas Deus pôs a doçura em vossos olhos, a carícia em vossa voz;

olhai-o, falai-lhe: a cólera se apaziguará e a injustiça será afastada. Talvez tenhais sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de jornada e vossa tarefa foi cumprida. Aquele ainda é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, julga-se um pária!... Mas aí há um devotamento à prova, uma abnegação constante para levantar esse moral abatido, para restituir a esse Espírito a esperança que o havia abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; com ele formais uma cadeia indissolúvel que a desgraça não pode romper, que a ingratidão não deve manchar, e não poderia quebrar-se, porque o próprio Deus a formou e, embora às vezes tenhais na alma essas preocupações sombrias, que acompanham a luta, contudo rejubilai-vos, porque nesse imenso trabalho de harmonia terrestre, Deus vos deu a mais bela parte.

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente, trabalhando pela vossa melhora íntima, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou doces mães de família, estão todas envolvidas na mesma bandeira, e trazem escrito na frente e no coração estas duas palavras mágicas, que enchem a eternidade: Amor e Caridade.

Cárta

Bibliografia

MUDANÇA DE TÍTULO DO *VÉRITÉ* DE LYON

O jornal *Vérité*, de Lyon, acaba de mudar o seu título: a partir de 10 de março de 1867, toma o de *Tribuna Universal, Jornal da livre-consciência e do livre-pensamento*. Anuncia e expõe os motivos na nota seguinte, inserida no número de 24 de fevereiro.

Aos nossos irmãos e irmãs espíritas.

Philaléthès, o infatigável campeão que conheceis, julgou por bem vos informar que de agora em diante dirigiria suas investigações para a filosofia geral, e não apenas para o Espiritismo, do qual, graças a seus preconceitos, os cientistas não querem nem mesmo ouvir pronunciar o nome. Mas não deveis imaginar, caros irmãos, que tirando a etiqueta da bolsa, afinal muito indiferente, ela queira, tanto quanto nós, lançar o conteúdo às urtigas! No que nos concerne pessoalmente, ficaríamos desolados se nossos leitores pudessem suspeitar um só instante que queremos desertar de uma idéia para a qual temos consumido todas as forças vivas de que somos capazes. A idéia espírita hoje faz parte integral do nosso ser, e aboli-la seria votar à morte o nosso coração, o nosso espírito.

Todavia, se somos espíritas, e precisamente porque cremos sê-lo no verdadeiro sentido da palavra, queremos nos mostrar caridosos, tolerantes para com todos os sistemas opostos, e queremos correr para eles, já que se recusam vir a nós.

A etiqueta de espíritas colada em nossa frente vos é um espantinho, senhores negadores? Pois bem! consentimos de bom grado em retirá-la, reservando-nos a trazê-la alto em nossas almas. Assim, não nos chamaremos mais *Verdade*, *Jornal do Espiritismo*, mas *Tribuna Universal*, *jornal da livre-consciência e do livre-pensamento*. Este terreno é tão vasto quanto o mundo, e os sistemas de toda sorte poderão aí se debater à vontade, manter discussões acesas com os tráfugas do *Vérité*, que reclamarão para si próprios o direito concedido a todos: a discussão. É então que, inflamados pela luta, inspirados pela fé e guiados pela razão, esperamos fazer brilhar aos olhos dos nossos adversários uma luz tão viva, que Deus e a imortalidade se erguerão diante deles, não mais como um horrendo fantasma, produto dos séculos de ignorância, mas como doce e suave visão, onde, enfim, repousará a Humanidade inteira.

E. E.

CARTA DE UN ESPIRITISTA

(Carta de um Espírita)

Ao Dr. Francisco de Paula Canalejas

Brochura impressa em Madri¹², em língua espanhola, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, tirados de *O que é o Espiritismo*, com esta dedicatória:

“Ao senhor Allan Kardec, o primeiro que descreveu com método e coordenou com clareza os princípios filosóficos da nova escola, é dedicado este humilde trabalho, por seu devotado correligionário.” Malgrado os entraves que as idéias novas encontram nesse país, o Espiritismo aí encontra simpatias mais profundas do que se poderia supor, principalmente nas classes elevadas, onde conta numerosos adeptos, fervorosos e devotados. Porque aí, devido às opiniões religiosas, os extremos se tocam e, aliás como em toda parte, os excessos de um uns produzem reações contrárias. Na antiga e poética mitologia, teriam feito do fanatismo o pai da incredulidade.

Cumprimentamos o autor deste opúsculo por seu zelo na propagação da doutrina e agradecemos sua graciosa dedicatória, bem como as boas palavras que acompanham a remessa da brochura. Seus sentimentos e os de seus irmãos em crença se refletem nesta frase característica de sua carta: “Estamos prontos a tudo, mesmo a baixar a cabeça para receber o martírio, como a erguemos bem alto para confessar a nossa fé.”

Allan Kardec